

# I Encontro da Fundação Lucinda Atalaya

A educação está no palco!  
A educação hoje: na família, na escola, na sociedade

## O 1º dia de Escola ("O medo do meu RUCUCU")

**Maria Luís Borges de Castro**  
Psiquiatra, pedopsiquiatra e psicanalista

Tinha 6 anos quando fui para a Escola. Já sabia "ler tudo" desde os 5 anos, coisa, que muito honrava a minha família! Contas, só somar e multiplicar. Isto de subtrair e dividir não era comigo! Nada podia perder...era neta única e filha única. Vivia com os meus avós, desde sempre, com os quais fiquei, após a morte da minha mãe, quando eu tinha 18 meses.

Estava eu rodeada de "todas as atenções deste mundo", quando me comunicaram que era chegada a hora de ir para a escola. Que horror!!! Escola?? *Vais brincar com outros meninos, exclamava a minha Avó; eu nem olhava para ela...*O meu Pai acrescentava: *vais adorar*, eu voltava-lhe as costas, fazendo um ar enfasiado, como se esta sugestão fosse a coisa mais louca deste mundo. Mas, era inevitável, o dia chegou e...com ele o Rucucu.

O drama ia estalar!

Após pedido encarecido de que me não sujeitassem a tal humilhação passei à ameaça. Vômitos, diarreia seguidos de choro convulsivo. Nada resultava. Eles estavam decididos! A minha revolta era tremenda! A preocupação deles era enorme! Mas tudo tem o momento em que as coisas se invertem. Aí está, eles revoltaram-se e chamaram alguém por eles, cujo poder estivesse muito para além do seu próprio poder, ou seja, só poderia ser, um fantasma...

*Se não fores para a escola aparece alguém vestido de preto que te leva e nós não poderemos fazer nada por ti. Não te esqueças, chama-se RUCUCU.* Espantação, perplexidade e medo, muito medo. Gaguejando, perguntei: *se for só amanhã para a escola, ele não vem?* Assim... consegui um dia de adiamento.

Passei as próximas 24 horas perguntando-me como apareceria ele, se falaria e como me desembaraçar de tão terrível personagem. Nada me ocorreu e no dia seguinte lá fui para a Escola, verdadeiramente posses de medo, quase muda, e sem respirar.

Hoje quando penso neste pavor sentido e como pedopsiquiatra que sou, tento compreender, como eu própria e a ESCOLA (com letra grande) resolvemos este assunto.

Aqui vai a continuação da história infantil feita, portanto em après coup:

Chegada, no primeiro dia, à escola fui acolhida como “a nova”. Todas, mulheres e crianças, me olhavam suspeitando, que algo se passava comigo de estranho e diferente. Penso que a minha sideração era evidente. Sentia-me estática corporal e até mentalmente. Quase sem me poder virar, tal estava rígido o meu corpo, faço uma ligeira contorção e é-me permitido vislumbrar um vulto negro, que se aproxima de mim, saído de uma porta que não vislumbrei na altura.

Afinal, apesar da minha cedência negocial o RUCUCU tinha aparecido!!!... Nada havia a fazer, senão entregar-me ao seu poder e esperar sobreviver.

Então ouvi uma voz feminina, melodiosa e de lindo timbre:

Então, és tu a Maria Luís?

Não esperando pela resposta, acrescentou: estava à tua espera, vem comigo.

Corri corredores atrás dela, voava! Fui-me apercebendo, que ela era uma freira cujo hábito negro esvoaçava à minha frente. Tinha começado uma relação, para mim, completamente envolvente. A serenidade, o apaziguamento e a descoberta representavam aquilo, que mais precisava na altura. Não sabia quem ela era, mas percebia, **que a sua função era de protecção, porque de autoridade, de beleza porque de verdade, de afecto porque de atenção.**

Lembro-me agora, que Diatkine dizia: o bebé primeiro relaciona-se com a função materna e só depois conhece e se relaciona com o objecto-mãe. É verdade, eu fiz com ela, a Directora da Escola, uma grande regressão, que me levou aos primórdios da minha infância, devido ao meu estado de pânico. Regressão essa, que possibilitou o meu avanço afectivo.

**Sucessivamente, a nossa relação foi-se estruturando, fui conhecendo-a... Apercebi-me que a exclusividade que eu tão bem conhecia, aqui não tinha lugar e assim a separação não era abandono. A plasticidade relacional evitava a necessidade de retaliação. Com ela era permitido concordar sem ter de me submeter e discordar sem me sentir por isso rechaçada. O medo da Escola, que representava o abandono da minha família, transformou-se no objecto/espaco transitivo, que me impulsionou para a vida...**

Foi esta a grande transformação, por mim sentida na altura e hoje compreendida.

É verdade, “vivi na pele”:

que autoridade, verdade e afecto são os três eixos relacionais mais importantes para o desenvolvimento do aparelho psíquico da criança, que eles devem estar presentes em todo o sistema educacional, seja ele familiar, escolar, ou social, que a Escola é a “rampa de lançamento”, que medeia a família e a sociedade para a construção de uma personalidade autónoma e serena.

Talvez, por tudo isto, me tenha ultimamente debruçado sobre a problemática educacional e não pedagógica da Escola do Futuro.

Lisboa, 1 de Julho de 2009

9/10 de Outubro de 2009